Atenção no mercado brasileiro

por Reginaldo Heller
do Rio

A experiência brasileira de dezessete grandes bancos internacionais, que possuem no Brasil 54 agências e 222 escritórios de representação, sempre chamou a atenção de grande parte da comunidade bancueira internacional também interessada em fincar um pé no promissor mercado financeiro doméstico. Os lucros gerados pelas filiais, subsidiárias ou associadas no Brasil têm aquecido, permanentemente, as pressões externas para a abertura desse segmento da economia, hoje predominantemente de controle do capital nacional.

Enquanto o caminho é vedado, a alternativa mais atraente está no segmento dos bancos de investimento. Existem atualmente doze bancos de investimento associados a bancos estrangeiros. Com a crise de liquidez externa da dívida brasileira e a compulsoriedade da permanência dos empréstimos concedidos no passado dentro das fronteiras nacionais, muitos credores procuram transformar seus saldos no Banco Central em investimento, especialmente em associações com bancos nacionais, como o recente caso do First National Bank of Chicago, que passou a deter 43,1% do capital do Denasa de Investimento.

RESISTÊNCIA

A presença de bancos estrangeiros no mercado nacional é tópic de controvérsia nos meios financeiros. É conhecida a resistência dos grandes bancos nacionais e até mesmo dos estrangeiros já instalados há tempo no Brasil à entrada de novos e poderosos concorrentes num mercado que consideram estreito. Contudo, as autoridades,

mesmo sem ostentar qualquer regulamentação precisa sobre a presença de bancos estrangeiros no País, têm sido forçadas a pesar os fortes argumentos internos com as pressões externas.

Ao longo da década de 70, utilizou-se o critério de reciprocidade, mediante o qual o Brasil ofereceria oportunidades a bancos de outros países que, por sua vez, também oferecessem oportunidades a bancos brasileiros. Foi, exatamente, quando mais se expandiu a rede de agências de bancos nacionais no exterior, que hoje se compõe de nada menos que 98 agências de 18 bancos e 54 escritórios em vários países.

O volume da dívida externa brasileira, a permanente importação de capitais — seja através de empréstimos ou sob a forma de investimentos diretos — e, ainda, o montante de comércio exterior — da ordem de US\$ 40 bilhões — abrem, sem dúvida, horizonte para novos negócios dos bancos estrangeiros.

Afinal, não existem regras claras sobre a presença de bancos estrangeiros no Brasil, mas apenas critérios informais (talvez o único aspecto consuetudinário da legislação brasileira), os quais exigem que, no caso dos bancos de investimento, o sócio estrangeiro detenha no máximo 33% do capital com direito a voto e até 49% do capital total. A recente negociação do banco de Chicago com o Denasa parece ter rompido este tabu.

ADMINISTRAÇÃO

Normalmente, há um contrato de administração, mediante o qual o sócio estrangeiro arca com o ônus da administração dos negócios do banco. Esse é o caso do Banco Interatlântico, de

controle dos grupos Monteiro Aranha e Espírito Santo, mas cuja administração é de responsabilidade do Morgan Guaranty. Ou, ainda, do Banco Internacional ou Multibanco de Investimento, administrado pelo Bank of America, sem a participação de seu outro associado estrangeiro, o canadense Royal Bank.

Casamentos mais bem-sucedidos parecem ter ocorrido, por exemplo, com o grupo Multiple e Lloyds Bank, no London Multiple; ou, ainda, o Credibanco, com os estrangeiros Crédit Lyonnais e Irving Trust Company. Há um caso, por exemplo, de banco de investimento exclusivamente de controle estrangeiro, o Montreal Bank, do Montreal, ou, ainda, o Aymoré, do Holandês Unido, e do Lar de Investimento, do Chase Manhattan Bank.

Finalmente, há casos de associações em que o majoritário brasileiro ainda exerce grande poder de decisão, como no Noroeste de Investimento, associado ao Chemical Bank. A associação de Henrique Sérgio Gregori e Citibank no Crefisul é também exemplo de um casamento pacífico.

A grande atração dos estrangeiros pelos bancos de investimento — já que o mercado para agências de banco comercial é restritivo — reside nas possibilidades de ganhos excepcionais, sem a exigência de investimentos muito elevados, ao menos em ativos fixos. Os custos geralmente são baixos, pois são departamentos de bancos comerciais ou têm uma clientela já tradicional, enquanto as operações são típicas de bancos comerciais, excetuando-se, evidentemente, os descontos de duplicatas.